

# **AUTO-AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA IMPACTO NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E TUTORES EM CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Abril/2008**

Lane Primo – Senac/CE – [laneprimo@uol.com.br](mailto:laneprimo@uol.com.br)

**Categoria: C – Métodos e Tecnologias  
Setor Educacional: 3 – Educação Universitária  
Natureza: A – Relatório de Pesquisa  
Classe: 1 – Investigação científica**

## **RESUMO**

*Este artigo relata a experiência da utilização da auto-avaliação no processo de aprendizagem em três cursos de pós-graduação lato-sensu a distância pela Internet. Como apoio tecnológico utilizou-se a ferramenta Questionário do Ambiente Virtual Moodle. As observações realizadas abrem discussões para os seguintes assuntos: avaliação formativa, comunicação tutor x estudante, aprendizagem significativa, autonomia e formação de tutores. Os resultados mostraram o desenvolvimento de competências dos estudantes e as mudanças na maneira de estudar e de exercer a tutoria pela EAD.*

**Palavras-chave: auto-avaliação; avaliação formativa; avaliação na EAD; formação de tutores.**

**1. Introdução** – A Educação a Distância (EAD) tem demandado diversos estudos devido à proliferação de cursos nessa modalidade. Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2006 [1], no período de 2003 a 2006, houve um aumento de 571% em número de cursos e de 315% no número de matrículas. Esses percentuais provocam inquietações e reflexões por parte dos educadores e dos envolvidos. Os desafios estão postos tanto para docentes quanto para discentes e, dentre eles, pode-se citar a necessidade de superar a passividade dos estudantes, reflexo de anos de uma pedagogia transmissiva; de aprender a lidar com uma nova demanda comunicacional, provocada pela evolução da tecnologia e pela convergência das mídias; de promover o desenvolvimento de comunidades; de buscar a construção coletiva de conhecimentos; de (re)significar processos e práticas educativas; de quebrar vários paradigmas; além de procurar novas formas de avaliação.

É nesse contexto de inquietudes que este artigo procura um novo olhar para a avaliação, mais especificamente, a auto-avaliação como uma das possibilidades de promover situações de aprendizagem que mobilizem os estudantes a gerar significados e, por conseguinte, melhorar a autonomia.

Este trabalho relata a experiência do uso da auto-avaliação em três turmas dos cursos de especialização em Gestão Educacional, em Educação a Distância e em Educação Ambiental que tiveram início em 2006 no Senac Ceará. Os cursos de 360 horas-aula foram divididos em módulos totalmente a distância, com três momentos presenciais e utilizaram o ambiente virtual Moodle (versão 1.53) para o desenvolvimento do programa. A motivação para esta pesquisa deve-se aos seguintes fatores: a necessidade de aprofundamento no tema avaliação na EAD; a possibilidade de experimentação de novas práticas pedagógicas que utilizam as ferramentas do ambiente virtual em públicos com perfis distintos; a abertura para a observação de atitudes em cursos virtuais; a oportunidade de verificar a comunicação educativa através do diálogo tutor x estudante; as perspectivas para a ampliação dos estudos sobre novas metodologias que possibilitem uma aprendizagem de qualidade no modelo de competências e que contribuam para a formação de tutores e novos conhecimentos em EAD.

**2. Princípios Teóricos e Questionamentos** – A mediação, a avaliação, a auto-avaliação, questões sobre autonomia e a comunicação no processo de EAD constituem as bases conceituais que norteiam este trabalho e fornecem, extraindo-se da prática, os questionamentos para as discussões.

A mediação pedagógica, segundo Gutierrez e Prieto [2], “é o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade”. Prado e Martins [3] acrescentam, com base na definição citada, que a mediação constitui um movimento para a recriação de estratégias de modo que o estudante possa atribuir sentido àquilo que aprende. Ao saber que nos cursos, objeto deste trabalho, foram utilizadas estratégias no modelo cognitivista, de que forma pode-se verificar se o produto da tarefa ou a discussão gerada fez com que os estudantes estabelecessem relações e desenvolvessem sentido no que estudam?

Ademais Belloni [4] apresenta vários significados para mediação. Dentre eles, relata que, do ponto de vista da concepção de unidades do curso,

“mediatizar” [termo utilizado pela autora] significa “conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino/aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma”. Inclui que é válido selecionar os meios mais adequados, criar e implementar estratégias que facilitem a aprendizagem. Então, como potencializar as possibilidades de autonomia em um grupo de estudantes adultos, trabalhadores em período integral que participa, em maioria, pela primeira vez, de um curso de EAD? Será potencializar ou será sensibilizar para aprender a aprender nesse novo contexto?

O projeto dos cursos desta pesquisa segue a orientação para uma avaliação formativa que, de acordo com Perrenoud [5], “é formativa toda avaliação que ajuda o estudante a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”. Então, de que maneira envolver o estudante na regulação da aprendizagem, se o modelo mental ao qual está acostumado é o da expectativa da nota?

Palloff e Pratt [6] colocam que a avaliação formativa “é um processo contínuo que pode ocorrer a qualquer momento do curso, trazendo à tona lacunas na matéria do curso ou na capacidade que o estudante tem de entendê-la”. Acrescentam que ela permite aos professores uma oportunidade de mudar o rumo do curso. Então, como o tutor pode ir além do conteúdo para perceber que há a necessidade de mudança no contexto da EAD?

Interessante notar que Souza *et al* [7] citam instrumentos de avaliação voltados para a metacognição, como os auto-informes e os protocolos (provas que intercalam o conteúdo curricular com perguntas que solicitam do estudante a descrição do que acabou de fazer, das dificuldades experimentadas, das dúvidas, das autocorreções dos erros). De que maneira a inserção dos protocolos em uma auto-avaliação poderá levar o estudante a modificar suas estruturas e formas de atuação para uma aprendizagem mais significativa na EAD?

Para ir além neste trabalho, Kenski [8] afirma que “os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz, ou o computador e as redes”. Segundo ela, “é a maneira como essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, estudantes e a informação” que faz a diferença. Daí cabe a questão: como usar as ferramentas para superar o conteúdo e favorecer o processo de comunicação/negociação (Hadji [9]) do aprendiz através do diálogo tutor x estudante x resultados? Como usar as respostas da auto-avaliação, principalmente nas questões metacognitivas, para uma comunicação mais clara que leve tanto o estudante quanto o tutor a avaliarem inclusive a postura ética e os procedimentos adotados?

Para Hadji [9], o ato de avaliar sempre tem uma dimensão de comunicação. Quando um professor-avaliador se pronuncia sobre as expectativas que possui e o modo de julgamento, ele está mandando uma mensagem para os estudantes. Cita o trabalho de Barlow (1992) que coloca suas observações quanto a uma comunicação formativa com base na captação “das reações dos estudantes, suas questões sobre o sentido e o alcance do que foi colocado pelo professor-avaliador, seus pedidos de explicação sobre as apreciações e notas”.

Cabe aqui outra reflexão: até que ponto essa troca de mensagens pode gerar problemas de ordem atitudinal? Entre eles: a relação de poder seja de um lado ou de outro; de autenticidade sobre a autoria da produção; de não reconhecimento dos erros como oportunidades de crescimento; de tomada de consciência acerca do

que deve ser feito e de como realizá-lo; sobre o posicionamento do estudante como sujeito nas situações-problema propostas e não como um mero expectador. Será que na auto-avaliação questões desse nível são observáveis e poderão contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento de competências atitudinais do estudante? E no caso do tutor, poderá levá-lo a pensar sobre a relação de poder, sobre as formas de negociação? Poderá favorecer a abertura ao diálogo?

Por fim, Freire [10] coloca que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. É nessa busca, inquietação e curiosidade face a esses questionamentos que os desafios da atribuição de significado ao que se aprende, do crescer em termos de autonomia na aprendizagem e da quebra de paradigmas no estudo a distância convergem este trabalho para a crença de que a auto-avaliação é um dos caminhos que possibilitarão ao estudante a tomada de consciência do que precisa ser melhorado e modificado para a sua formação. Para isso, há a necessidade de um processo comunicacional eficiente. Nesse sentido, o passo seguinte na busca de respostas foi procurar por experiências de auto-avaliação parecidas que serão relatadas no próximo tópico.

**3. Alguns Estudos sobre Auto-avaliação na EAD** – No levantamento bibliográfico sobre as experiências relacionadas à auto-avaliação na EAD foram encontrados alguns artigos que serão apresentados a seguir com o propósito de buscar subsídios que possam ajudar a responder parte dos questionamentos feitos.

Na Educação Médica a Distância (EMaD), a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) analisou, de forma crítica, programas de educação médica continuada em vários países. Segundo Christante *et al* [11], no Brasil, a oferta de cursos a distância para profissionais médicos é crescente, beneficia àqueles que não podem participar de congressos ou de eventos científicos e que estão afastados dos grandes centros do país. Os programas educacionais baseados na auto-aprendizagem foram considerados de boa qualidade, porém eles alertam para alguns aspectos importantes quanto à avaliação. Dentre eles, verificou-se que há um descompasso do que o clínico considera como necessidade de aprendizagem e a sua realidade. Essa dificuldade dos médicos para verificar o conhecimento se deve à natureza solitária do trabalho realizado que limita as discussões com os pares, bem como a rápida velocidade da produção científica que tornam os conhecimentos obsoletos. Há, também, a tendência de preferirem assuntos de seu domínio, provocando, assim, pouca ampliação. Por isso, recomendam que a auto-avaliação deve ser utilizada em combinação com sistemas de avaliação por pares, dos quais devem fazer parte médicos, consultores e os próprios pacientes.

O trabalho de Prata [12] apresenta um *framework* de avaliação da aprendizagem a distância com o uso de agentes inteligentes. Ele menciona no esboço do ambiente, um módulo de auto-avaliação do estudante que contém informações sobre a sua situação em relação à turma, entre elas: participação, acuidade, dificuldades e resultados das avaliações. Depois, apresenta perguntas para o estudante refletir e responder em relação ao curso, ao professor e aos colegas. Não há detalhes sobre os resultados, porém, vale ressaltar que o artigo aborda, em vários momentos, questões éticas como plágio e falsificação (é o

estudante que está respondendo?). Destaca a importância da comunicação, da necessidade de uma pedagogia e de uma didática específicas para a EAD.

Reis [13] apresenta uma visão geral sobre as novas práticas de ensino e de aprendizagem utilizadas em cursos on-line. No caso apresentado, relatou a aplicação conjunta da avaliação formativa, da somativa e da auto-avaliação em um curso de uma Instituição de Educação Superior de São Paulo, na disciplina de Metodologia Científica. Segundo a autora, a aplicação desta última permitiu que o estudante “em uma determinada situação de aprendizagem desenvolvesse estratégias de análise e interpretação de suas produções e sua autonomia, favorecendo a tomada de consciência de seu percurso de aprendizagem”. Acrescentou que a auto-avaliação favorece “a construção de estratégias pessoais no desenvolvimento profissional do estudante, o estabelecimento de metas e o exercício da autonomia em relação à própria formação”. Apesar de não relatar detalhes sobre os aspectos abordados na auto-avaliação, é o que mais se aproxima do objeto de estudo deste trabalho.

No estudo de Primo [14], a auto-avaliação foi utilizada para que o estudante analisasse a própria participação com relação ao grupo, utilizando, como base, as informações de acesso às ferramentas no período de uma semana na forma de gráficos de barra. Por meio da ferramenta Diário de Bordo, do ambiente virtual Teleduc, o estudante realizava análises e fazia propostas de melhoria. Foram constatados resultados positivos, principalmente na tomada de consciência da necessidade de participação. Foi utilizada também como meta-avaliação, de forma que o estudante pôde verificar seu processo de desenvolvimento.

Diante desses relatos, considera-se a construção no modelo de competências uma característica relevante e inovadora da experiência objeto deste estudo, pois nele o estudante se vê na responsabilidade de desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos; assim como a utilização da tecnologia disponível no ambiente virtual para envolver discente e tutor no processo formativo. É por isso que se acredita na auto-avaliação como alternativa para um caminhar com autonomia.

**4. Metodologia** – Esta pesquisa é do tipo exploratório-descritivo que utilizou, como método, uma abordagem indutiva. A forma científica teve, como base, a observação e a experimentação. Foram coletados dados quantitativos e qualitativos a partir das respostas dos estudantes aos questionários, das postagens no fórum de meta-avaliação e dos pareceres dos tutores.

Foram executados os seguintes passos na investigação: 1. Aplicação do questionário de auto-avaliação no final de cada módulo dos cursos; 2. Tabulação dos resultados; 3. Análise quantitativa e qualitativa dos resultados (individual e do grupo); 4. Levantamento dos resultados da avaliação parcial obrigatória composta de questões objetivas; 5. Comparação e análise dos resultados; 6. Levantamento bibliográfico para a fundamentação; 7. Levantamento de experiências semelhantes na comunidade científica; 8. Elaboração das conclusões.

Nos tópicos seguintes, a descrição do experimento, a caracterização da população estudada, o processo de desenvolvimento e acompanhamento e a tecnologia utilizada.

**4.1. Descrição do Experimento** - O experimento consistiu no uso da auto-avaliação como instrumento no processo de aprendizagem na educação a distância.

**4.2. Caracterização da População** - A população deste estudo foi composta de 75 estudantes dos cursos de pós-graduação, sendo: 30 de Gestão Educacional, 25 de Educação a Distância e 20 de Educação Ambiental. Desse universo, um diagnóstico inicial apontou que 52% dos estudantes de Gestão Educacional, 38% de Educação a Distância e 67% de Educação Ambiental cursavam pela primeira vez a distância.

**4.3. O Processo de Desenvolvimento e Acompanhamento** – O processo foi desenvolvido em três etapas: a etapa 1 teve início com a elaboração do Plano de Ação Docente (PAD) que é o planejamento do módulo do curso. Ele é o documento-base elaborado pela tutoria, nele constavam as competências a serem desenvolvidas, as bases tecnológicas, os recursos utilizados, os procedimentos metodológicos e os indicadores de avaliação, voltados para a modalidade EAD. Esse documento deu origem tanto às questões da auto-avaliação quanto às da avaliação parcial obrigatória.

Na etapa 2, a partir do PAD, a tutoria acompanhou o estudante em seu desenvolvimento; elaborou as questões de auto-avaliação, configurou a ferramenta Questionário no ambiente Moodle e a disponibilizou para os estudantes que finalizaram o módulo. Depois que o discente respondeu à auto-avaliação, a tutoria analisou as respostas e lhe deu um parecer, no qual valorizou os pontos positivos, orientou nas respostas “em parte”, além de pedir esclarecimentos sobre os pontos que sobraram dúvidas, a fim de elucidá-las ou provocar aprofundamentos.

As questões da auto-avaliação versavam sobre conhecimentos e habilidades relacionadas às atividades realizadas ao longo do módulo em curso, conforme exemplo na figura 1.

Pós-Graduação Senac | Turma: Especialização em Gestão Educaci... | GEDCE01: Auto-avaliação 4 - Gestor do s... | GEDCE01: Auto-avaliação 7 - Ges...  
Você acessou como Lane Primo (521)

ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Rede Senac EAD > GEDCE01 > Questionários > Auto-avaliação 7 - Gestão Financeira > Tentativa 1 | Atualizar Questionário

Info | Reports | Visualização prévia | Edit Quiz

Note: This quiz is not currently available to your students

Preview Auto-avaliação 7 - Gestão Financeira

Start again

1 (337)

Na UT1 - Ponto de Equilíbrio, T1 - Cálculo do Ponto de Equilíbrio dos conteúdos estudados e realização das atividades (AT1 e 2) estou apto a:

- Definir termos como maximizar resultados e ponto de equilíbrio;
- Identificar variáveis que influenciam no Ponto de Equilíbrio (PE);
- Entender e utilizar a planilha para calcular: preço de venda e valor da mensalidade;
- Entender e identificar itens essenciais como custos, despesas, impostos e lucro.

Resposta:  a. Em parte (menos de 60%)  
 b. Boa parte (entre 61 e 80%)  
 c. Por completo (com consulta para referências)  
 d. Preciso rever alguns pontos para tirar dúvidas

**Figura 1.** Questão para refletir sobre conhecimentos e habilidades relacionadas às atividades realizadas.

Para refletir a respeito de atitudes, as questões tratavam sobre: o tempo dedicado ao estudo, a qualidade da participação, a postura frente às dificuldades, a utilização do material didático, as formas de estudo, entre outras, conforme ilustra a figura 2. Houve também a inclusão de tópicos sobre a metodologia, a tutoria, a coordenação e o suporte, para que os estudantes avaliassem também o curso.

13 (462) O meu envolvimento na realização das atividades nesse módulo foi:

- Mínima:
  - li o enunciado
  - respondi de acordo com o solicitado
- Básico:
  - li o enunciado
  - consultei o e-book
  - respondi de acordo com o solicitado
- Dedicado:
  - li o enunciado
  - consultei o e-book
  - verifiquei outras fontes
  - relacionei com a minha prática
  - respondi de acordo com o solicitado
  - verifiquei se estava de acordo com os critérios de avaliação
  - encaminhei a versão final

Resposta:  a. Mínimo  
 b. Básico  
 c. Dedicado

14 (463) O tempo que dediquei ao curso durante este período (incluindo leituras e uso do ambiente) foi:

Resposta:  a. Inferior a 3 horas por semana  
 b. De 3 a 5 horas por semana  
 c. Igual ou superior a 6 horas por semana

15 (464) Sobre a minha participação no grupo (fóruns e wiki) posso afirmar que foi:

Resposta:  a. Tímida (não contribuí ou fiz só algumas)  
 b. Boa (contribuí regularmente, mas não com frequência)  
 c. Excelente (contribuí regularmente e com frequência)

**Figura 2.** Questões de auto-avaliação para reflexão do estudante sobre suas atitudes e valores com relação ao estudo.

Na etapa 3, a tutoria teve a oportunidade de examinar o curso de forma global, a fim de analisar as modificações a serem realizadas para o módulo seguinte. Com base nos resultados sobre conhecimentos e habilidades, procedeu a elaboração das questões da avaliação parcial obrigatória (figura 3). As demais informações (metodologia, tutoria, coordenação e suporte) foram utilizadas pela coordenação para analisar e para discutir melhorias com a equipe. Dessa maneira, foi possível verificar aspectos pedagógicos e estruturais de cada módulo em curso para as devidas providências.

Q#	Question text	Answer's text	partial credit	R. Count	R. %	% Correct	Facility	SD	Dis Index
M4-P1	Na UF1 - Ponto de Equilíbrio, T1 - Cálculo do Ponto de Equilíbrio dos conteúdos estudados e realização das atividades (AT1 e 2) estou apto a:	Em parte (menos de 60%)	(0.25)	1/11	(9%)	20%	0.101	0.2	
		Boa parte (entre 61 e 80%)	(0.25)	3/11	(27%)				
		Por completo (com consulta para referências)	(0.25)	5/11	(45%)				
		Preciso rever alguns pontos para tirar dúvidas	(0.25)	0/11	(0%)				

**Figura 3.** Exemplo de resultados a partir do ambiente.

**4.4. A Tecnologia de Apoio** – Para a execução do processo, a tutoria usou as ferramentas Questionário do ambiente virtual de aprendizagem Moodle, com

modificações para a elaboração da auto-avaliação; e Mensagem, para o contato com o estudante. No início, foi utilizada a ferramenta Diário, mas esse recurso não mostrou eficiência por não guardar os registros.

**5. Resultados e Discussão** – As auto-avaliações foram aplicadas nas turmas de Gestão Educacional, de Educação Ambiental e de Educação a Distância. Os estudantes receberam convites da tutoria para que as auto-avaliações fossem respondidas, porém os mesmos tinham a liberdade de não respondê-las, configurando-se, assim, em um espaço democrático.

Os dados revelaram mudanças de uma avaliação para outra. Na questão “tempo dedicado ao estudo”, a turma de Gestão Educacional apontou que 13% dos estudantes dedicavam menos de 3 horas por semana no primeiro questionário; no segundo, esse grupo migrou para um tempo de estudo entre 3 e 6 horas semanais, o que indica uma mudança positiva na conscientização da necessidade de maior dedicação para o estudo a distância. Ao se levar em consideração que o diagnóstico inicial apontou que 52% desses estudantes realizavam cursos a distância, pela primeira vez, verificou-se o desenvolvimento de uma competência atitudinal.

Com relação à autonomia na busca de solução para as dificuldades no entendimento do conteúdo, as turmas de Educação Ambiental e de Gestão Educacional apontaram um percentual acima de 45% nas duas auto-avaliações, o que demonstra a dependência da orientação da tutoria para resolver questões. No curso de Educação a Distância, esse valor foi de 11%, o que significa um grau de autonomia mais elevado visto que 32% disseram não terem enfrentado dificuldades e 36% afirmaram terem resolvido sozinhos. Nesse caso, as tutoras dos cursos de Gestão Educacional e de Educação Ambiental reavaliaram os planos de ação para os devidos ajustes nas estratégias de mediação, de forma que os estudantes pudessem desenvolver a autonomia nos módulos seguintes e, por conseguinte, esses valores fossem reduzidos. Em parte esse resultado é consequência da falta de experiência desses grupos na participação de cursos a distância e por isso precisavam de estratégias diferenciadas para desenvolver tais competências. Essa tomada de consciência do tutor só foi evidenciada a partir das informações obtidas.

As questões relativas a conhecimentos e a habilidades foram discutidas com os estudantes individualmente pela tutoria. Um indicador positivo está no resultado das avaliações parciais obrigatórias. Observou-se que os estudantes aumentaram o número de acessos às auto-avaliações na proximidade da realização da avaliação parcial obrigatória o que significa sua utilização como roteiro de estudo. Constatou-se, também, que os estudantes que responderam um número acima de 3 avaliações conseguiram um resultado superior a 70% de acertos na avaliação parcial obrigatória, conforme dados da tabela 1.

Curso	Percentual de Estudantes	Nº de Auto-Avaliações Respondidas	Percentual de Acertos na Avaliação Parcial
Educação a Distância	45	3	70
Gestão Educacional	52	3	70
Educação Ambiental	64	4	60

**Tabela 1.** Relação entre o número de Auto-Avaliações respondidas e o Resultado da Avaliação Parcial.

Fonte: Elaboração da autora

Os resultados gerais e comuns aos três cursos referentes à participação nas atividades em grupo, à interação com as mídias disponibilizadas (vídeo e áudio), à aplicação dos conhecimentos na vida prática demonstraram que as respostas às atividades melhoraram com relação à consistência, à articulação dos diversos materiais e ao aprofundamento. Isso indica que os estudantes perceberam como utilizar melhor os recursos para o desenvolvimento dos estudos a distância.

Outro ponto positivo foi extraído das referências qualitativas na meta-avaliação realizada após a aplicação da avaliação parcial obrigatória. Os estudantes foram convidados a se posicionar sobre a ajuda ou não da auto-avaliação nos resultados, seguem os depoimentos: “As auto-avaliações me ajudaram para orientar os tópicos que deveria revisar e, ao mesmo tempo, permitiram uma visão global de todo o curso com as respectivas conexões entre os módulos”. Em um outro relato: “... me fizeram refletir sobre minha forma de conduzir os estudos no curso, permitindo que fizesse correções e modificações no que achava estar incorreto”.

Em quatro casos, os estudantes afirmaram que a auto-avaliação não influenciou no resultado. Observou-se que esses estudantes utilizaram os questionários como instrumento de testes e não como indicadores para reflexão e para mudança. No entanto, o parecer da tutoria apontou que aqueles que realizaram as auto-avaliações apresentaram produções e posicionamentos mais críticos e consistentes.

**6. À Guisa de Conclusão** – A questão da avaliação em EAD é complexa e requer estudos aprofundados de maneira a se criar soluções que minimizem a complexidade e a subjetividade bem como possa servir de “bússola” à aquisição de conhecimentos e de competências estabelecidas nos planos de formação.

Este trabalho visou, assim, buscar essa compreensão da avaliação no universo da EAD, na perspectiva de “encontrar” novas metodologias e estratégias que favoreçam a formação de tutores e de estudantes para uma educação a distância de qualidade.

Apesar de não ter respondido a todos os questionamentos, o uso da auto-avaliação nos cursos da pós-graduação do Senac/CE mostrou-se válida, pois permitiu constatar vários pontos positivos, entre eles: as mudanças de comportamento dos estudantes e dos tutores no uso dos recursos e na interatividade; os ajustes por parte da tutoria, no sentido de sensibilizar e/ou potencializar a aprendizagem, a partir das informações obtidas nos questionários, durante o acompanhamento dos estudantes; a melhoria na comunicação tutor x estudante; as aprendizagens mais significativas constatadas nas produções; o aumento do envolvimento e da autonomia do estudante na busca da formação.

Para as próximas turmas, modificações já estão em processo, a fim de tentar responder às demais indagações com vistas a novas contribuições para a EAD. Estão em andamento o uso dos protocolos e, também, de novas estratégias de comunicação, a fim de sensibilizar os estudantes no sentido de enxergar a auto-avaliação como uma alternativa para aprender a aprender. Essas experiências deverão ser relatadas em trabalhos futuros e espera-se contribuir com novos olhares para a formação de tutores no uso de metodologias que permitam a reflexão, a ação e, por conseguinte, a intervenção no processo de formação.

## Referências Bibliográficas

- [1] Brasil, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Ministério da Educação e Cultura, “Educação a distância cresce mais ainda entre os cursos superiores”. Artigo eletrônico. 2007. Disponível em: [http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news07\\_01.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news07_01.htm). Acesso: 3/3/08.
- [2] Gutierrez, F., Prieto, D. (1994). “A Mediação Pedagógica – educação a distância alternativa”. Trad. Edilberto M. Sena, Carlos Eduardo Cortes. Campinas, SP: Papirus, 1994. 165p.
- [3] Prado, M. E. B.B., Martins, M. C. (2002). “A Mediação Pedagógica em Propostas de Formação Continuada de Professores em Informática na Educação”. Artigo. Disponível em <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&inoid=193&sid=102>>. Acesso em 25/fevereiro/07.
- [4] Belloni, M. L. (1999). “Educação a Distância”. Campinas, SP: Autores Associados, p. 64.
- [5] Perrenoud, P. (1999). “Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas”. Trad. Patrícia Chitoni Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 103.
- [6] Palloff, R. M.; Pratt, K. (2002). “Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço”. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, p. 175.
- [7] Souza, A. M. M., Depresbiteris, L., Machado, O. T. M. (2004). “A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Fuerstein”. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p.39, p.190.
- [8] Kenski, V. M. (2003). “Tecnologias e ensino presencial e a distância”. Campinas, SP: Papirus. p.121.
- [9] Hadji, C. (2001). “Avaliação desmistificada”. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre, RS: Artmed Editora. p.109.
- [10] Freire, P. (1996). “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. São Paulo: Paz e Terra. p.136.
- [11] Christante, L., Ramos, M. P., Bessa, R., Sigulem D. (2003). “O papel do ensino a distância na educação médica continuada: uma análise crítica”. Rev. Assoc. Med. Bras. [online]. vol. 49, nº 3 [citado 2007-02-22], p. 326-329. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302003000300039&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302003000300039&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0104-4230. doi: 10.1590/S0104-42302003000300039. Acesso em 7/fevereiro/07.
- [12] Prata, D. N. (2003). “Estratégias para o Desenvolvimento de um Framework de Avaliação da Aprendizagem a Distância”. Disponível em <<http://www.nce.ufrj.br/sbie2003/publicacoes/paper16.pdf>>. Acesso em 7/fevereiro/07.
- [13] Reis, I. (2004). “Avaliação e o Processo de Ensino-Aprendizagem Online”. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/054tcf3.pdf>>. Acesso em 7/fevereiro/07.
- [14] Primo, L. (2004). “Metodologia para acompanhamento de cursos de EAD e avaliação de competências - A<sup>2</sup>COMP”. Dissertação de Mestrado defendida em 1/Dezembro/2004. p. 145. Universidade de Fortaleza. Disponível em <<https://uol02.unifor.br/oul/ObraBdtdSiteTrazer.do?method=trazer&obraCodigo=69893&programaCodigo=83#>>. Acesso em 22/fevereiro/07.